

da coisa. Para Stirner, a chamada liberdade política não deveria ser tratada levemente. Para ele, se as pessoas começam a mendigar pelo que podem, é porque se recusam a aceitar tal liberdade. As pessoas não sabem obter suas coisas pelo uso da própria força, por isso são esses chamados liberais, que mendigam pelos próprios direitos, por liberdade e independência, os que, na verdade, traçam as regras mais abusivas.

Um individualista com medo da violência, que se esconde com medo da sociedade — eu odeio esse tipo de compaixão. Neste ponto, eu me preocupo particularmente em relação à sociedade japonesa contemporânea, pois acho necessário explicar a ela vez após vez sobre filósofos individualistas de força como Stirner e Nietzsche.

(*Pensamento Moderno*, 1º de dezembro de 1912)

a verdade da conquista

Dentro dos escritos de Chogyu, encontramos a seguinte frase, tirada de um dos livros de Brandis:

“Ao menos quatro das maiores civilizações europeias possuem nomes estrangeiros. O nome da França vem do povo franco, que vivia na margem oeste do rio Reno; embora seus ancestrais sejam celtas, o nome não tem qualquer relação com eles. O nome da Inglaterra vem

originalmente de uma região da Alemanha, mas os anglo-saxões não possuem nenhum vínculo ancestral com eles. O nome da Rússia tem sua origem bem mais ao norte; é uma corruptela de *Rosel*, uma região da Escandinávia. Prússia vem do nome de um bárbaro eslavo chamado Prussian; na metade do século XX, ela passou a fazer parte da Alemanha”.

Estes fatos podem ou não estar relacionados ao que tentarei descrever aqui a partir de agora. Mas, quando leio isto, sinto-me fortemente compelido a analisar mais profundamente certos fatos sociais.

“É a dominação!”, bradei. A sociedade, ao menos aquela da qual as pessoas de hoje falam, começou a dominar. Karl Marx e Friedrich Engels escrevem no início de seu *Manifesto do Partido Comunista*: “a história da origem de toda sociedade é uma história de luta de classes”. Mas, ao mesmo tempo, antes da luta de classes haviam as lutas tribais. E é aí que entra a realidade da chamada conquista.

Imagina-se que, quando a raça humana ainda vivia como animais, provavelmente residia nos trópicos. Além disso, vários fatos apontam o Sul da Ásia como tendo visto o início da humanidade. Aqui³, a raça humana primitiva, sob o ar morno da natureza abundante, mesmo vivendo ainda como animais, foi capaz de modificar o ambiente de certa forma, proteger-se e enganar predadores carnívoros e se multiplicar a uma velocidade extraordinária. Assim, à medida em que a população de um determinado grupo conectado por relações consanguíneas aumentava, se ocorresse um confronto entre eles, eles migravam para qualquer direção que desejassem. Desta forma, por um longo tempo, continuou a haver paz e tranquilidade entre

os homens primitivos. Desde muito tempo atrás, este período é chamado de “Era de Ouro”.

Este grupo, cada vez mais distante, talvez até mesmo em uma ilha, sem contato com outros grupos e, portanto, sem conflitos, prosseguia com sua existência quase bestial. Ainda hoje restam algumas destas raças primitivas em várias partes do mundo. No entanto, entre os grupos que não se afastaram muito do centro, além do rápido crescimento populacional, contatos mútuos e conflitos também ocorreram. E aí, da perda da liberdade até então pacífica de viver quase como um animal, nasce a chamada civilização. É o começo da História.

Enquanto isso, cada um desses grupos perdeu vestígios e evidências de uma origem comum, passou a ter idiomas, costumes e religiões diferentes, formando grupos étnicos completamente distintos. E, assim, o contato entre essas etnias passou a virar conflito e guerra, elas se tornaram inimigas brutais.

Este cenário se tornou um poderoso estímulo para o surgimento de invenções, principalmente na produção de métodos de ataque e defesa. Tanto hoje quanto no passado, mais do que medir a bravura de um indivíduo, a questão principal da guerra era a superioridade mecânica do armamento. E assim o espírito militar se desenvolveu. Líderes tribais fortemente ambiciosos começaram a competir entre si.

Gunplowitz e Raffenhofer demonstram habilmente que a sociedade foi criada através do confronto entre estas tribos. O primeiro passo do conflito tribal é a dominação de uma tribo por outra. A tribo que possui melhores armamentos e talentos estratégicos leva a vitória e se

torna uma dominadora. E a outra tribo cai na posição de dominada.

Através desta dominação, duas raças completamente diferentes passam a ter um contato íntimo. Porém, não conseguem se assimilar em absoluto. Em outras palavras, esta sociedade fica dividida em dois extremos. O conquistador sempre despreza os conquistados. Usa de todas as formas para escravizá-lo. Os conquistados se submetem por falta de opção e não reconhecem nada além da violência do conquistador. Desta forma, estes dois grupos étnicos, que se encaram com antipatia e hostilidade, formam os polos opostos da sociedade.

Porém, a desigualdade entre estas duas etnias ia além da posição social. Como dito antes, estas etnias eram completamente diferentes originalmente. Elas usavam línguas distintas. Adoravam deuses diferentes. Possuíam cerimônias e formas de adoração distintas. Tinham costumes, hábitos e organização distintas. E a tribo dominada, na verdade, no lugar de perder algumas destas características, fica na esperança da exterminação do outro. A tribo dominada permanece com um absoluto desprezo por tudo que pertence a seu captor. Porém, não consegue assimilar isto para si.

Aqui, no lugar da harmonização entre estes dois polos, uma vez que conquistadores não subjagam realmente os conquistados, vários sistemas sociais surgiram. As tributações e despesas com a força militar a cada investida e suas derrotas parciais finalmente se tornaram um grande fardo aos conquistadores. Embora cada sujeito que se rebelasse contra o sistema fosse severamente punido, ele ficava temporariamente orgulhoso com

a vitória. Seria, entretanto, trabalhoso controlar cada pessoa separadamente desta forma; assim sendo, houve a demanda por um tipo unificado de governo.

De modo a controlar os atos de violação cometidos com maior frequência, estabeleceu-se certas regras gerais. E, uma vez que entendemos como este método era econômico, decidimos estabelecer uma regra geral para outros tipos de atos diversos desta mesma forma. Por esta razão, hoje finalmente temos as regras da lei estabelecidas. E, enquanto não violar estas regras, alguma liberdade é dada ao povo conquistado. Em outras palavras, é obrigação do governado cumprir com esta lei, e a não violação desta lei faz com que seus direitos sejam reconhecidos.

Ao mesmo tempo, ocorreu também a chamada educação do povo dominado. Para manter a desigualdade social entre ambos, originalmente a intenção era plantar e manter no coração do dominado a ideia de que ele era parte de uma tribo inferior em todos os aspectos. Se o dominado colocasse a mínima suspeita sobre isto, produziria uma grande desordem no bem-estar e na ordem social. Neste ponto, várias políticas foram realizadas. Este foi o começo da chamada educação nacional, e várias formas de táticas de engodo se fundamentaram aí.

Entretanto, esta situação não vai aparecer por si só. A dominação de uma raça pode significar uma coincidência, ou que a tribo era pobre na arte da guerra. De outro lado, é possível que a raça dominadora fosse muito mais excepcional. Então, para fugir das dificuldades de governar com características tão diferentes, os dominadores passam a pedir a ajuda dos dominados. Uma vez que estes dominados também ganham algum privilégio,

eles concordam facilmente com isto. Ou seja, os mais informados se juntam ao patamar dos dominadores e cooperam-no projeto de dominação. E, desse jeito, direitos e deveres se tornam de certa forma recíprocos entre as duas classes, entre dominadores e dominados. Esta foi a forma perfeita do dominador convencer os dominados de que não havia desigualdade. Isto é o que dizem os intelectuais.

Mas, veja bem, a minha vila não é a mesma vila dos conquistadores. Ao perceberem seu erro, eles nos concederam o direito de voto. Todos são iguais perante a lei.

Além disso, em diversas circunstâncias, se de um lado eles recebiam várias concessões dos dominadores, de outro lado, caíam em um orgulho vazio e desistiam de lutar contra a dominação. Então, entre estas duas classes, avançou um comprometimento abrangente.

Neste momento, eu não tenho tempo para contar os detalhes da realidade desta conquista. No entanto, os fatos mencionados acima são fatos que ninguém, nem mesmo o mais íntegro dos socialistas, consegue perceber.

A História é complexa. Porém, sua complexidade consiste exclusivamente em sua simplicidade. Por exemplo, existem diversas formas de dominação. Apesar disso, em todas as sociedades, de ambos os lados, dominadores e dominados possuem um relacionamento íntimo.

Se tomarmos emprestado o *Manifesto Comunista*, ali está escrito: “Na Grécia, o povo livre e os escravos; em Roma, nobres e plebeus; lordes medievais e servos; sindicatos e trabalhadores”. E mesmo a sociedade moderna

está dividida em dois polos: os dominadores capitalistas e os trabalhadores dominados.

A sociedade avançou. E, com isso, os métodos de dominação também se desenvolveram. Os métodos de violência e engodo foram se tornando cada vez mais engenhosos.

Política! Direito! Religião! Educação! Moral! Forças Armadas! Polícia! Justiça! Congresso! Ciência! Filosofia! E outras instituições sociais.

E aqueles que ficam entre os dois extremos, entre a classe dominada e a dominadora, como os sábios da era primitiva, de forma consciente ou não, acabam se tornando colaboradores e auxiliares da violência e da enganação social.

O fato é que esta dominação é uma realidade fundamental de milhares de anos entre passado, presente e futuro próximo. Embora esteja claro que esta dominação não seja consciente, nenhum dos eventos sociais permitem que a compreendamos apropriadamente.

Os estudantes de literatura, que se gabam de serem sensíveis e inteligentes, clamam pela supremacia do indivíduo. Enquanto sua sensibilidade e inteligência não estiverem tocadas por esta realidade da conquista e, mais ainda, contra ela, suas obras serão apenas brincadeira e diversão. Eu já desisti de esquecer o peso dessa realidade, esta pressão exercida sobre nossa vida cotidiana. É um poderoso elemento de desonestidade sistemática.

Permanecer na beleza estática do transe em que estamos é uma questão de escolha. Quero admirar a beleza dinâmica que nos trará êxtase e também entusiasmo. A

literatura que buscamos é uma literatura criativa, da beleza de ódio e de revolta contra esta realidade.

(*Pensamento Moderno*, Capítulo 1, Volume 9, 1º de junho de 1913)

a expansão da vida

I

Na edição de “A verdade da conquista”, discorri a respeito da conquista como “verdade fundamental da sociedade humana durante alguns ou vários milhares de anos entre o passado, o presente e o futuro próximo”. Concluí que “enquanto não se tiver uma certa compreensão, não se pode compreender corretamente seus fenômenos”.

Assim, estendi esse pensamento ao mundo da arte, observando que “nesta Verdade da Conquista e até onde ela não encontra resistência, vossas obras são brincadeira e diversão”. Pode ser só uma resignação que nos faz esquecer a pesada realidade que nos impele para a rotina diária. É um elemento fundamental de uma fuga sistemática.

E, no final, chegamos à seguinte conclusão:

“Permanecer na beleza estática do transe em que estamos é uma questão de escolha. Quero admirar a beleza dinâmica que nos trará êxtase e entusiasmo. A literatura